

Extrato do livro A Fuga

# BREVE HISTÓRIA DA Reforma

da Igreja de Cristo na França



Os Puritanos



Os Puritanos

BREVE HISTÓRIA DA  
**Reforma**  
da Igreja de Cristo na França



Os Puritanos

## **Breve História da Reforma da Igreja de Cristo na França**

© 2012, Editora os Puritanos/Clire

1ª Edição em Português – outubro 2012 - Edição Digital

É permitido baixar e compartilhar esta publicação digitalmente, sendo vedada a reprodução total ou parcial desta publicação por meio impresso, sem autorização por escrito dos editores, exceto citações em resenhas.

**EXTRAÍDO DO LIVRO "A FUGA" – ED. OS PURITANOS**

**EDITADO POR** Manoel Canuto

**PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO CAPA E MIOLO** Heraldo F. de Almeida

### ***Fuga, A, 2012***

Breve História da Reforma da Igreja de Cristo na França

Recife: Editora Os Puritanos/Clire, 2012

20 p.: 14 x 21 cm

1. História 2. Reforma 3. Igreja 4. Huguenotes 5. França



# Sumário

História da Igreja na França.....	7
O Evangelho se Espalha.....	8
Os Huguenotes no Brasil.....	14





# Introdução

## HISTÓRIA DA IGREJA NA FRANÇA

A HISTÓRIA da Igreja de Cristo na França<sup>1</sup> é relativamente desconhecida, a despeito de seu glorioso passado. A fiel perseverança e o testemunho de seus membros através de terríveis perseguições são uma fonte de exaltação e encorajamento para todos os cristãos. A coragem e firmeza inabalável das crianças francesas, particularmente durante aqueles anos cruentos, foram sem paralelo durante toda a conhecida história da Igreja de Cristo. Elas deixaram um bom testemunho para os adolescentes cristãos de nossos dias, os quais, vivendo em um mundo anticristão, se veem sob tremenda pressão e expostos às tentações do álcool, das drogas, e da moralidade deteriorada.

A seguir, mostramos uma breve descrição da história da primitiva Igreja de Cristo na França.

---

<sup>1</sup> Extraído e adaptado do Livro A FUGA da Editora Os Puritanos. Simples, clara, mas excelente leitura para todas as idades a quem recomendamos como estímulo aos que desejam mais firmeza na vida cristã e que passam por lutas e provações.



# Os Huguenotes

## O EVANGELHO SE ESPALHA

OS PROTESTANTES na França eram chamados huguenotes. O verdadeiro significado deste nome não é bem conhecido, mas a palavra provavelmente é derivada de uma outra que significa “os pactuantes”.

O evangelho se espalhou rapidamente depois do começo da Reforma na Alemanha em 1517. Mas a poderosa Igreja Católica Romana, em cooperação com monarcas franceses, lançou mão de todos os meios para impedir o progresso da Reforma, usando forte e cruel perseguição. O primeiro mártir francês, um monge agostiniano chamado Jean Valliers, foi queimado vivo na estaca em Paris, no ano de 1523. Era o começo de uma severa perseguição na qual milhares e milhares de cristãos, homens e mulheres, crianças e velhos, leigos e clérigos, foram torturados e queimados vivos. São inúmeras as fontes históricas que relatam a fiel lealdade daqueles crentes ao Senhor Jesus Cristo.

O padecimento dos crentes na França ficou historicamente associado ao cântico dos Salmos. A morte dos mártires era uma morte cantante; eles cantavam salmos enquanto eram queimados vivos. Os Salmos dessas testemunhas cristãs, cantados em meio à fumaça e fogo, tornaram-se conhecidos e todos começaram a cantá-los. Em Paris, certo dia, um grupo de três a quatro mil pessoas entoaram aqueles salmos em público, a despeito da cólera do rei<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Na igreja contemporânea há um grande desconhecimento desta prática e uma conseqüente rejeição. Para a igreja de hoje, aqueles que cantam os salmos com alegria e "gratidão no cora-

A perseguição não conseguiu barrar o progresso do Evangelho. Menos de trinta anos após a morte do primeiro mártir, a Igreja Huguenote somava aproximadamente meio milhão de membros, e poucos anos mais tarde, pelo menos quarenta por cento da população total da França era constituída de huguenotes.

O primeiro sínodo se realizou em Paris em 1559. Obviamente, tiveram que se reunir em secreto, pois naquela época, os reis Francisco I (1515-1547) e Henrique II (1547-1550) tentaram liquidar a Igreja. Apesar das dificuldades, o sínodo conseguiu realizar um grande e importante trabalho. Concordaram sobre um credo e estabeleceram regras para governar a Igreja, todas baseadas em princípios bíblicos, calvinistas.

Durante este período, um grande número de pessoas da nobreza filiou-se à Igreja Huguenote. Seu líder era o conhecido Caspar de Coligny. Seus oponentes eram os nobres católicos romanos liderados por De Guise. O rei Carlos IX (1560-1574), totalmente influenciado por sua mãe, Catarina de Médici, tomou partido pelos católicos romanos.

A luta entre esses dois partidos chegou ao fim com a sangrenta noite de São Bartolomeu em 23-24 de agosto de 1572. Durante aquela noite, e nos dias seguintes, mais de trinta mil huguenotes foram assassinados, inclusive seu líder, De Coligny<sup>3</sup>.

---

ção", devem ser olhados com desconfiança e aqueles que, como os antigos puritanos e huguenotes, defendem o cântico exclusivo dos salmos são, não só ridicularizados, mas repudiados (NE).

3 O Dia do Massacre de São Bartolomeu. A paz foi quebrada quando Catarina de Médici, o poder por trás do trono da França, ordenou o assassinato do brilhante huguenote, Almirante Coligny. O atentado deixou-o ferido, mas não morto. Catarina ficou em pânico e ordenou o massacre dos huguenotes, incluindo Coligny. A chacina começou em Paris na noite de São Bartolomeu e se espalhou pelo país no dia seguinte. Entre 40.000 e 100.000 huguenotes foram assassinados a sangue frio.

Os huguenotes que sobreviveram fugiram para as suas fortalezas. Um desgastante rumor de guerras seguiu-se até que o Príncipe Henrique de Navarra tornou-se o príncipe eleito do trono da França. Para ganhar o trono, Henrique teve que se converter ao Catolicismo. Este ato foi tido pelos huguenotes como uma traição. Para acalmar seus temores, Henrique assinou o Editto de Nantes, protegendo os direitos dos huguenotes. Estes destemidos irmãos continuaram a se defender, com armas quando necessário, mas seus líderes, não muito seguros da legitimidade do uso de armas chegaram à conclusão que seria melhor sofrer do que lutar pelos seus direitos. Então, quando a rebelião chamada "O Fronde" teve início, os huguenotes se recusaram a se juntar aos seus aliados naturais e apoiar o jovem Luiz XIV. Este seriamente reconheceu a lealdade

Até 1589 a França foi devastada por guerra civil, assassinatos e perseguição. Durante aquele ano, o líder protestante, rei Henrique IV, fez uma concessão; ele converteu-se ao catolicismo romano, e foi reconhecido como rei legal da França, por ambos os partidos.

Sua meta principal era trazer e manter a paz para seu país, e para isso ele deu privilégios aos huguenotes através do Édito de Nantes (1598). Por esse édito, permitia-se um tipo de liberdade de religião, algo desconhecido no mundo ocidental, **exceto nos países baixos**. Os huguenotes foram autorizados a praticar sua religião em um determinado número de cidades, e foram reconhecidos – até certo ponto – como um certo partido político armado. Além disto, foram-lhe dadas algumas localidades fortificadas, como a cidade portuária de La Rochelle.

Contudo, esses privilégios acabaram se transformando numa ameaça à própria existência da nação, pois os huguenotes foram autorizados a formar um estado à parte, dentro da nação. O Cardeal Richelieu (1585-1642), então primeiro ministro, entendeu isto muito bem. Gradualmente ele cancelou os privilégios dos huguenotes, tomou suas cidades fortificadas.

Severas perseguições contra os huguenotes foram reiniciadas durante o reinado de Luis XIV, O Rei Sol (1643-1715), porque ele queria se fazer um monarca absoluto. Ele planejou atin-

---

deles e conservou o Édito de Nantes. Ao mesmo tempo, ele não queria a França dividida na fé. Pouco a pouco foi cedendo terreno àqueles clérigos que queriam extirpar dos huguenotes seus privilégios. Leis eram aprovadas e que tornavam cada vez mais difícil para os protestantes entrar em um sindicato. Se uma criança de quatorze anos, convertida do Protestantismo para o Catolicismo, poderia deixar a sua casa, ainda assim os pais ainda eram obrigados a sustentá-la. Aos huguenotes era proibido estabelecer novas escolas. Se tentassem deixar a França, a punição era ser condenado às galés. Por outro lado, a cada huguenote que se convertia ao Catolicismo era-lhe concedida uma certa doação.

Em 1682 Luis XIV ameaçou os huguenotes com terríveis males se não se convertessem. O seu conhecimento em matéria de religião, rígida educação e conselheiros cruéis, levaram-no a crer que não haveria solução a menos que varresse a heresia. Ele destruiu 570 das 815 igrejas protestantes. Huguenotes que eram encontrados escondidos nos bosques, eram submetidos a terríveis torturas e assassinados de imediato.

Um dos oficiais do Rei protestou. O ministro das finanças, Colbert, advertiu Luis XIV que estava destruindo a economia através dessas medidas e que o comércio seria arruinado.

gir sua meta permitindo apenas uma igreja na França, a Igreja Católica Romana. Ele seguia as recomendações de seu confessor, o notório Pere La Chaise, e sem restrições apoiava qualquer ação que resultasse em forçar os huguenotes a retornar à Igreja Romana, inclusive perseguição, suborno e assassinato.

A vida para os huguenotes se tornou insuportável após a revogação do Édito de Nantes, e muitos tentaram deixar a França. O rei Luis XIV, sabendo que os huguenotes eram os melhores trabalhadores da nação, quis impedir que deixassem o país, e usou sua força militar nas fronteiras para fazê-los voltar<sup>4</sup>.

Apesar dos soldados, mais de meio milhão de huguenotes conseguiram fugir da França. Eles foram recebidos e ajudados por cristãos em vários países, como Suíça, Inglaterra, Países Baixos e Brandenburg.

Na famosa Guerra dos Camisards (1702-1704), os huguenotes, numa região montanhosa do sul da França, chamada Cévennes, tentaram defender suas vidas. Eles foram conhecidos como Camisards porque usavam uma espécie de camisola longa sobre a roupa durante os ataques noturnos. Sua coragem e disciplina foram sem paralelo. Embora seu exército não passasse de dois mil e quinhentos homens armados, o governo francês respondeu com um exército de vinte mil homens comandados por generais famosos e apoiados por cinquenta e dois batalhões de recrutas. Mesmo assim, foi muito difícil subjugar o exército dos Camisards Huguenotes.

Depois desta guerra, a Igreja Reformada na França parecia completamente liquidada. Contudo, depois de poucos anos um Reavivamento aconteceu, ainda que sob perseguição, embora menos sangrenta que as anteriores. Por fim, em 1790 a liberdade de religião foi concedida aos huguenotes. Em nossos dias a Igreja Reformada da França é ainda ativa em seu trabalho missionário, mas continua muito pequena.

---

4 A narrativa do livro "A Fuga" (Editora Os Puritanos).

Durante este período, um grande número de pessoas da nobreza filiou-se à Igreja Huguenote. Seu líder era o conhecido Caspar de Coligny. Seus oponentes eram os nobres católicos romanos liderados por De Guise. O rei Carlos IX (1560-1574), totalmente influenciado por sua mãe, Catarina de Médici, tomou partido com os católicos romanos.

A luta entre esses dois partidos chegou ao fim com a sangrenta noite de São Bartolomeu (23-24 de agosto de 1572). Durante aquela noite, e nos dias seguintes, mais de trinta mil huguenotes foram assassinados, inclusive seu líder, De Coligny.

Até 1589 a França foi devastada por guerra civil, assassinatos e perseguição. Durante aquele ano, o líder protestante, rei Henrique IV, fez uma concessão; ele converteu-se ao catolicismo romano, e foi reconhecido como rei legal da França, por ambos os partidos.

Sua meta principal era trazer e manter a paz para seu país, e para isso ele deu privilégios aos huguenotes através do Édito de Nantes (1598). Por esse édito, permitia-se um tipo de liberdade de religião, algo desconhecido no mundo ocidental, exceto nos países baixos. Os huguenotes foram autorizados a praticar sua religião em um determinado número de cidades, e foram reconhecidos – até certo ponto – como um certo partido político armado. Além disto, foram-lhe dadas algumas localidades fortificadas, como a cidade portuária de La Rochelle.

Contudo, esses privilégios acabaram se transformando numa ameaça à própria existência da nação, pois os huguenotes foram autorizados a formar um estado à parte, dentro da nação. O Cardeal Richelieu (1585-1642), então primeiro ministro, entendeu isto muito bem. Gradualmente ele cancelou os privilégios dos huguenotes, tomou suas cidades fortificadas.

Severas perseguições contra os huguenotes foram reiniciadas durante o reinado de Luis XIV, O Rei Sol (1643-1715), porque ele queria se fazer um monarca absoluto. Ele planejou atingir sua meta permitindo apenas uma igreja na França, a Igreja

Católica Romana. Ele seguia as recomendações de seu confessor, o notório Pere La Chaise, e sem restrições apoiava qualquer ação que resultasse em forçar os huguenotes a retornar à Igreja Romana, inclusive perseguição, suborno e assassinato.

A vida para os huguenotes se tornou insuportável após a revogação do Édito de Nantes, e muitos tentaram deixar a França. O rei Luis XIV, sabendo que os huguenotes eram os melhores trabalhadores da nação, quis impedir que deixassem o país, e usou sua força militar nas fronteiras para fazê-los voltar.

Apesar dos soldados, mais de meio milhão de huguenotes conseguiram fugir da França. Eles foram recebidos e ajudados por cristãos em vários países, como Suíça, Inglaterra, Países Baixos e Brandenburg.

Na famosa Guerra dos Camisards (1702-1704), os huguenotes, numa região montanhosa do sul da França, chamada Cevennes, tentaram defender suas vidas. Eles foram conhecidos como Camisards porque usavam uma espécie de camisola longa sobre a roupa durante os ataques noturnos. Sua coragem e disciplina foram sem paralelo. Embora seu exército não passasse de dois mil e quinhentos homens armados, o governo francês respondeu com um exército de vinte mil homens comandados por generais famosos e apoiados por cinqüenta e dois batalhões de recrutas. Mesmo assim, foi muito difícil subjugar o exército dos Camisards Huguenotes.

Depois desta guerra, a Igreja Reformada na França parecia completamente liquidada. Contudo, depois de poucos anos um Reavivamento aconteceu, ainda que sob perseguição, embora menos sangrenta que as anteriores. Por fim, em 1790 a liberdade de religião foi concedida aos huguenotes. Em nossos dias a Igreja Reformada da França é ainda ativa em seu trabalho missionário, mas continua muito pequena.



# Notas Adicionais

## OS HUGUENOTES NO BRASIL

Os HUGUENOTES vieram ao Brasil no século XVI, chegando à Guanabara no dia 07 de março de 1557, depois de quatro meses de viagem penosa pelo Atlântico. Desembarcaram na baía da Guanabara cantando os Salmos e com gratidão nos corações. Os ministros que vieram nesta expedição, por interferência de Coligny junto ao Rei Henrique II, foram escolhidos pelo próprio punho do grande Reformador João Calvino e da Igreja de Genebra. No dia 10 de março, numa quarta feira após o desembarque, os Huguenotes realizaram o primeiro culto Reformado onde pregou o ministro Pierre Richier, expondo o versículo quarto do Salmo vinte e sete. O ministro Richier orou invocando a Deus. Em seguida foi cantado por todos o Salmo 5, com a melodia de Genebra: “1. Ouve, Senhor, minhas palavras. Acode os gemidos meus. 2. Escuta-me, Deus meu e Rei! À minha voz que clama, implora, vem dar ouvidos”.<sup>5</sup> Esse Salmo constava do Saltério Huguenote, com metrificação de Clement Marot e melodia de Louis Bourgeois, e até hoje se mantém nos hinários franceses. Bourgeois foi o responsável pela música na Igreja de Genebra de 1545 a 1557 e um dos grandes mestres da música francesa no século 16.

No domingo dia 21 a Igreja foi instalada de perfeito acordo com as doutrinas, leis e regras de Genebra, quando na ocasião foi celebrada pela primeira vez na América a **Ceia do Senhor**.

<sup>5</sup> Salmo cantado hoje por muitos reformados no Brasil com uma metrificação contemporânea realizada pela CBS/2012 (Comissão Brasileira de Salmodia)

Mas, perseguidos pelo aventureiro Villegaignon (chamado posteriormente de “o Caim das Américas”) por causa da fé bíblica e Reformada, os huguenotes foram expulsos de volta para França e outros martirizados, sendo alguns de seus líderes estrangulados e jogados dos despenhadeiros da Baía da Guanabara. Em meio às perseguições é escrita a primeira Confissão de Fé Reformada da América. O grande erudito cristão e teólogo presbiteriano, Erasmo Braga, escreveu sobre esta Confissão: *“Definições concisas, de profundidade, porém, admirável, é a característica da Confissão dos mártires de Villegaignon. Revela o estudo que nesse tempo se fazia dos Pais da Igreja; o conhecimento invejável de doutrinas que os leigos de então possuíam. É uma Confissão calvinista, é a Confissão dos nossos maiores; responde particularmente às heresias de Roma – é a primeira Confissão redigida na América na primeira igreja do Brasil. E foi selada com sangue”*. Quanto à Santa Ceia a Confissão da Guanabara diz:

V - Cremos que no Santíssimo Sacramento da Ceia, com as figuras corporais do pão e do vinho, as almas fiéis são realmente e de fato alimentadas com a própria substância de Nosso Senhor Jesus Cristo, como nossos corpos são alimentados de viandas, e assim não entendemos dizer que o pão e o vinho sejam transformados ou transubstanciados no corpo e sangue dele, porque o pão continua em sua natureza e substância, similarmente o vinho, e não há mudança ou alteração.

Distinguimos, todavia, este pão e vinho do outro pão que é dedicado ao uso comum, sendo que este nos é um sinal sacramental, sob o qual a verdade é infalivelmente recebida.

Ora esta recepção não se faz senão por meio da fé e nela não convém imaginar nada de carnal, nem preparar os dentes para o comer, como Santo Agostinho nos ensina, dizendo: "Por que preparas tu os dentes e o ventre? Crê, e tu o comeste".

O sinal, pois, nem nos dá a verdade, nem a coisa significada; mas Nosso Senhor Jesus Cristo, por seu poder, virtude e bondade, ali-

menta e preserva nossas almas, e as faz participantes de sua carne, e de seu sangue, e de todos os seus benefícios.

Vejamos a interpretação das palavras de Jesus Cristo: "Este pão é o meu corpo". Tertuliano, no livro quarto contra Marcion, explica estas palavras assim: "Este é o sinal e a figura do meu corpo".

Santo Agostinho: "O Senhor não evitou dizer: - Este é o meu corpo, quando dava apenas o sinal de seu corpo".

Portanto (como é ordenado no primeiro Canon do Concílio de Niceia), neste santo Sacramento não devemos imaginar nada de carnal e nem nos distrair no pão e no vinho, que nos são neles propostos por sinais, mas levantar nossos espíritos ao Céu para contemplar pela fé o Filho de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, sentado à destra de Deus, seu Pai.

Neste sentido podiam os juntar o artigo da Ascensão, com muitas outras sentenças de Santo Agostinho, que omitimos, temendo ser longas.

**VI** - Cremos que, se fosse necessário pôr água no vinho, os evangelistas e São Paulo não teriam omitido uma coisa de tão grande consequência.

E, quanto a que os Doutores antigos o têm observado fundamentando-se sobre o sangue misturado com água que saiu do lado de Jesus Cristo, desde que tal observância não tem nenhum fundamento na Palavra de Deus, visto mesmo que depois da instituição da Santa Ceia isso aconteceu, nós a não podemos hoje admitir necessariamente.

**VII** - Cremos que não há outra consagração que a que se faz pelo ministro, quando se celebra a Ceia, recitando o ministro ao povo, em linguagem conhecida, a instituição desta Ceia literalmente, segundo a forma que Nosso Senhor Jesus Cristo nos prescreveu, admoestando o povo da morte e paixão de Nosso Senhor. E mesmo, como diz Santo Agostinho, a consagração e a palavra de fé que é pregada e recebida em fé. Pelo que, segue-se que as pala-

vras secretamente pronunciadas sobre os sinais não podem ser a consagração como aparece da instituição que Nosso Senhor Jesus Cristo deixou aos seus Apóstolos, dirigindo suas palavras aos seus discípulos presentes, aos quais ordenou tomar e comer.

**VIII** - O Santo Sacramento da Ceia não é vianda para o corpo como para as almas (porque nós não imaginamos nada de carnal, como declaramos no artigo quinto) recebendo-o por fé, a qual não é carnal.

**IX** - Cremos que o batismo é Sacramento de penitencia, e como uma entrada na Igreja de Deus, para sermos incorporados em Jesus Cristo. Representa-nos a remissão de nossos pecados passados e futuros, a qual é adquirida plenamente só pela morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Demais, a mortificação de nossa carne aí nos é representada, e a lavagem, representada pela água lançada sobre a criança, é sinal e selo do sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é a verdadeira purificação de nossas almas. A sua instituição nos é ensinada na Palavra de Deus, a qual os santos Apóstolos observaram, usando de água em nome do Pai, do Filho e do Santo Espírito. Quanto aos exorcismos, abjurações de Satanás, crisma, saliva e sal, nós os registramos como tradições dos homens, contentando-nos só com a forma e instituição deixada por Nosso Senhor Jesus Cristo (“Origens do Evangelismo Brasileiro”, Domingos Ribeiro, Gráfica Apolo, 1937).

O saudoso escritor Domingos Ribeiro escreve no prefácio da obra acima citada: “Empreendendo rápida viagem nos domínios do passado, fazemo-lo para coordenar e divulgar as origens remotas, próximas e imediatas do Evangelismo Nacional. Verdade é que, pelas colunas de O PURITANO, órgão oficial presbiteriano, já, em 1932, publicamos um esboço histórico deste vigoroso ramo da Cristandade — esboço que mereceu

as honras de inserção na notável obra — O Cristo Vivo, editada, no mesmo ano, pelo Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil”.

Assim sendo, os presbiterianos não devem esquecer sua história e de que neste rincão brasileiro, pisaram homens e mulheres de alta estirpe reformada; perseguidos por amor a Cristo, seguidores da piedade e firmeza calvinista. Os presbiterianos não deveriam se envergonhar de serem chamados “Puritanos”, visto que são filhos na fé deste movimento tão reconhecido por seus pais do passado como foram os presbiterianos da época de Erasmo Braga e Domingos Ribeiro, e como foi a Igreja Presbiteriana do Brasil. Domingos Ribeiro cita sem constrangimentos (pelo contrário) o Jornal O PURITANO, como órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil em tempos idos, como de fato o foi. Dessa forma o Projeto Os Puritanos não se envergonha deste nome tão ligado às origens do Presbiterianismo no mundo e no Brasil. A Confissão de Fé de Westminster é nossa Confissão e foi a Confissão redigida por puritanos ingleses e escoceses, destacando-se a forte e piedosa influência escocesa do século XVII. Mas não devemos esquecer que nosso maior objetivo não é ver o puritanismo do século XVII com seus usos e costumes trazidos para nossos dias; muito menos não é nosso desejo resgatar uso e costumes da Genebra calvinista, mas ver hoje uma igreja reformada pelos mesmos princípios da Reforma que a fizeram mais próxima a Deus como se viu nos países de origem calvinistas: A Palavra de Deus — SOLA SCRIPTURA. Deus nos faça mais destemidos, corajosos e piedosos como foram Calvino seus seguidores Huguenotes.



# BREVE HISTÓRIA DA Reforma

## da Igreja de Cristo na França

---

Extraído e adaptado do Livro A FUGA da Editora Os Puritanos. Simples, clara, mas excelente leitura para todas as idades a quem recomendamos como estímulo aos que desejam mais firmeza na vida cristã e que passam por lutas e provações.



Edição Digital – [ospuritanos.org](http://ospuritanos.org)  
[Facebook/ospuritanos.org](https://www.facebook.com/ospuritanos.org)